Tarô de Marselha para iniciantes

Aprenda a ler as cartas passo a passo: os arcanos maiores, os menores e a sua primeira leitura

Lucien Vauverne

Créditos

Tarô de Marselha para iniciantes

Aprenda a ler as cartas passo a passo: os arcanos maiores, os menores e a sua primeira leitura

Lucien Vauverne

Escola de Marselha · tomo 1

Primeira edição, 2026.

— Direitos —

Todos os direitos reservados. O texto, a estrutura do livro, os exercícios, os casos e as tabelas são obra original do autor. Não podem ser reproduzidos, armazenados nem transmitidos, no todo ou em parte, sem autorização prévia e por escrito da editora. Citações breves para fins de resenha ou de estudo são bem-vindas, desde que se mencionem o livro e seu autor.

Os casos que aparecem nos capítulos são exemplos inventados. Nenhum descreve uma pessoa real, e qualquer semelhança com uma situação concreta é mera coincidência.

— Origem das imagens —

As cartas deste livro vêm de dois exemplares antigos conservados na Bibliothèque nationale de France (BnF):

- O baralho de Jean Dodal, impressor de Lyon, datado entre 1701 e 1715. É o que aparece nas fichas e nas mesas.
- Um exemplar de Nicolas Conver, cuja atividade se situa entre 1809 e 1833. Usa-se apenas para cotejar algumas cartas com as de Dodal.

Ambas as obras são de domínio público. As reproduções são feitas a partir dos acervos digitalizados da BnF.

Duas observações sobre os objetos, para que não gerem confusão:

- O Dois de Ouros de Conver traz a inscrição «1760». Esse número figura na carta, mas não é a data de impressão, e o livro não o usa para datar o exemplar.
- As cartas reproduzidas levam um carimbo vermelho da biblioteca. Ele pertence ao objeto conservado; não é uma marca acrescentada por esta edição nem parte do desenho original. No impresso em preto e branco, aparecerá como uma mancha cinza.

— Antes de começar —

Este livro apresenta o tarô como uma ferramenta de reflexão e de entretenimento. Serve para olhar uma imagem com atenção, pôr em palavras o que se vê e fazer perguntas. Não prevê o futuro nem revela o que outras pessoas pensam ou farão. Uma carta não diz «isto vai acontecer»; no máximo sugere um ponto de vista e convida a se perguntar algo.

Nada do que estas páginas contêm substitui a consulta a um médico, um psicólogo, um advogado ou um consultor financeiro. Se você atravessa uma situação de saúde, uma dificuldade emocional, um conflito jurídico ou uma decisão econômica importante, procure um profissional qualificado. As cartas podem acompanhar uma conversa consigo mesmo, mas não devem decidir por você.

Se algum capítulo deixar em você uma inquietação que não consegue resolver, deixe o baralho de lado e converse com alguém de confiança. Isso também faz parte de aprender a usá-lo com critério.

— Como as cartas são citadas —

Nas imagens e nas tabelas do livro você verá umas chaves breves. São etiquetas do catálogo desta edição; não estão impressas nas cartas. Os arcanos maiores vão de M00 a M21, com M00 para o Louco. Nos naipes, a letra indica o naipe (B, C, E e O para Paus, Copas, Espadas e Ouros) e o número, o seu valor, e as figuras levam os números 11, 12, 13 e 14 para Valete, Cavaleiro, Rainha e Rei.

Os rótulos são transcritos entre aspas e com a sua ortografia antiga. Um colchete, como em «LA MAI[S]ON DIEV», indica uma letra que o carimbo vermelho cobre e que se deduz; reticências indicam um trecho que não se lê.

Quando uma chave e um rótulo parecerem discordar, vale o rótulo impresso na carta, e a chave se entende apenas como etiqueta desta edição.

Sumário

Antes de começar ... 7
Um baralho com nome de cidade ... 7
Por que um exemplar antigo e não uma restauração ... 8
Um primeiro olhar: o Louco em dois exemplares ... 8
Esquerda e direita: como você vê a carta ... 9
Todas as cartas, na posição normal ... 10
Como o livro está organizado ... 10
Como os apoios são retirados ... 11
O que o tarô pode fazer e o que não pode ... 12
Como trabalhar com este livro ... 13

Parte I · Preparar o olhar ... 14

1 · Saber que baralho você tem nas mãos ... 15
Dois exemplares de um mesmo modelo ... 15
Reconhecer uma restauração moderna ... 21
As 78 peças: 22 maiores, 40 numerais, 16 figuras ... 23
O que esperar do livro e o que não ... 25
Exercícios ... 26
Caso: Alice e o baralho «original» ... 27
2 · Da imagem a uma frase ... 29
Antes da primeira frase ... 29
Inventário do visível ... 30
Lâmina: o Mago ... 33
Gesto e objeto ... 34
Direção do corpo e do olhar ... 36
Associar e conferir ... 38
Exercícios ... 40
Jogo visual 1: emparelhar detalhes ... 41
Caso: uma oficina de bairro ... 42
Chaves dos exercícios e do jogo ... 43

Parte II · As 78 cartas ... 45

3 · Os maiores I: do Louco à Roda ... 46
Um maior não é uma sentença ... 46
Como as fichas são usadas ... 47
Números e rótulos deste trecho ... 48
Começar: o Louco e o Mago ... 49
Organizar: a Papisa, a Imperatriz, o Imperador e o Papa ... 52
Escolher, avançar, medir ... 57
Parar e girar: o Eremita e a Roda ... 61
Quem segura o quê e de que lado ... 65
Uma tabela para as onze ... 65
Jogo visual 2: a carta intrusa ... 67
Caso: coordenar uma exposição de amadores ... 67
Exercícios ... 69
Chave do jogo visual 2 ... 70
4 · Os maiores II: da Força ao Mundo ... 71
Um trecho que impõe respeito ... 71
Como falar de imagens fortes sem assustar ... 72
As onze fichas ... 76
Três pares que se confundem ... 91
Um caso: reorganizar o calendário de um coral ... 93
Exercícios ... 94
5 · Paus e Copas ... 95
Contar antes de interpretar ... 96
Os Paus: como se desenham e como se contam ... 97
As Copas: como se desenham e como se contam ... 107
Lâmina: o Ás de Copas, olhado devagar ... 109
Três cartas para comparar ... 121
Naipe e número diante de uma interpretação de exemplo ... 122
Jogo visual 3: a carta mal rotulada ... 124
Exercícios ... 125
Caso: organizar um clube de leitura ... 126
Chave do jogo visual 3 ... 127
6 · Espadas e Ouros ... 127
Dois naipes que se contam antes de serem lidos ... 128

As Espadas: arcos que se cruzam 128
Os Ouros: moedas entre flores 130
Espadas, do Ás ao Dez 131
Ouros, do Ás ao Dez 141
Nove não é dez 151
Os dez Ouros de relance 153
Espadas e Ouros frente a frente 154
Jogo visual 4: contar sem número 155
Caso: dividir materiais de um grupo de teatro 155
Chave do jogo visual 4 157
7 · As figuras como papéis 157
Dezesseis cartas com rosto 158
O que uma figura traz e o que não traz 158
Pessoa, ação ou atitude 160
Sem sexo, sem idade, sem retrato 161
As dezesseis fichas 162
Comparar para não inventar 178
Exercícios 180
Jogo visual 5: cada figura com seu rótulo 181
Caso: divisão de responsabilidades em uma revista de bairro 181
Chave do jogo visual 5 182

Parte III · A primeira leitura 183

8 · Preparar a pergunta e a mesa 184
Antes da primeira carta 184
Perguntas sobre o que se pode fazer 185
Três cartas para pensar a pergunta 186
Oito perguntas, oito versões 188
Consentimento: de quem se fala e com que permissão 189
Embaralhar sem ritual obrigatório 190
Regra fixa: todas as cartas na posição normal 192
Exercícios 193
Caso: uma discrepância em um grupo de música 195
Para fechar a mesa 196
9 · Ler posições com apoios 197
Um lugar na mesa 197
Uma tiragem de três, e o que ela não é 198
Olhar antes de ler 200
O modelo de três peças 201
Uma leitura com tabela 202
Mudar a ordem, mudar a leitura 203
Escrever uma boa alternativa 204
Seis passos, sempre os mesmos 205
Exercícios 206
Caso: planejar um encontro de familiares 207
O que resta por fazer 209
10 · Unir sem forçar 209
O que se une e com que direito 209
A mesa deste capítulo 210
Repetição 212
Contraste 213
A carta que incomoda 214
Síntese no condicional 216
Exercícios 218
Caso: Helena retoma a aquarela 219
Variante: a mesma mesa com outra terceira carta 221

Parte IV · Praticar 222 com critério

11 · Erros da primeira semana 223
Por que os erros chegam juntos 223
Primeiro erro: o fatalismo 224
Segundo erro: ler «depois do fato» 228
Terceiro erro: tirar cartas sem fim 229
Quarto assunto: quando uma leitura é suficiente 230
Tabela de erros, danos e reparações 231
Exercícios: reparar três devolutivas alarmistas 232
Jogo visual 6: cinco associações que é preciso conferir 233
Um caso: a mudança de organização na associação 233
Chave do jogo visual 6 235
12 · Ler com menos ajuda 235
O que se retira e o que fica 236
A mesa inteira 237
Anotação mínima 241
Comparar duas interpretações 243

Revisar com a carta na mão 245
Exercícios 247
Caso: escolher uma atividade de lazer para um grupo 249
Encerramento do capítulo 250
13 · Encerrar e seguir aprendendo 251
Quando uma leitura basta 251
A prova de reconhecimento das 78 253
Autoavaliação com uma rubrica 255
O que vem nos outros três tomos 257
Exercícios 258
Caso: uma mostra de fotografias 259

Para consulta

Glossário 262
Índice de cartas 267
Rótulos dos maiores e das figuras em Dodal 268
Como foi transcrito 268
Os 22 maiores 269
As 16 figuras 270
O que a tabela ensina 272
Para seguir lendo 273
As cartas: a fonte primária 273
Dois textos do século XIX, para contraste 274
Obras modernas de consulta 274
Como usar estas leituras 275
Um mês de leituras com uma só carta aberta 275

Antes de começar

Este livro ensina a ler o tarô de Marselha olhando cartas impressas há dois séculos ou mais, e não resumos de significados. Antes da primeira carta, convém saber com que baralho trabalhamos, como o livro está organizado, de que lado se contam a esquerda e a direita e o que se pode pedir ao tarô e o que não.

Ao terminar esta introdução você será capaz de

- explicar o que é um baralho de Marselha e por que aqui se usa um exemplar antigo;
- orientar-se nas quatro partes do livro e saber de que apoios disporá e quando eles são retirados;
- descrever uma carta com a esquerda e a direita tal como você as vê;
- fixar a regra de leitura deste livro: todas as cartas na posição normal;
- distinguir o que o tarô pode oferecer do que não pode prometer.

— Um baralho com nome de cidade —

Quando se diz «tarô de Marselha», nomeia-se um modelo de baralho, não uma marca nem um local de fabricação. O nome se firmou pela fama das oficinas marselhesas, mas o mesmo modelo foi impresso em outras cidades. Uma delas foi Lyon, onde Jean Dodal trabalhava no começo do século XVIII. O que esses baralhos têm em comum é uma distribuição e um modo de desenhar, mais do que uma oficina.

A distribuição é esta: 78 cartas. Vinte e duas são os arcanos maiores, cartas com figura, rótulo e, quase sempre, um número romano. Quarenta são os numerais, do um ao dez em cada um dos quatro naipes: Paus, Copas, Espadas e Ouros. Dezesseis são as figuras da corte, quatro por naipe: Valete, Cavaleiro, Rainha e Rei. Se você multiplicar quatro naipes por dez cartas e somar as quatro figuras de cada naipe, chega a 56 menores; com os vinte e dois maiores, 78.

Quanto ao desenho, o modelo de Marselha tem uma particularidade que este livro aproveita muito. Os numerais não trazem cenas: no Cinco de Copas não há uma figura chorando nem uma margem de rio, há cinco copas dispostas entre adornos. Quem vem de outros baralhos costuma trazer na cabeça imagens que neste modelo não existem. Parte do trabalho será deixá-las do lado de fora, e o capítulo 5 lhe dará os meios.

— Por que um exemplar antigo e não uma restauração —

Hoje se vendem muitos baralhos de Marselha. Alguns são reedições muito cuidadas e outros são versões redesenhadas: linhas limpas, cores chapadas, um rótulo corrigido aqui e outro completado ali. Nada disso é um defeito em si. Mas cada decisão do restaurador é uma decisão que você não tomou e que, se não a conhece, não poderá distinguir do que o gravador original desenhou.

Este livro trabalha com dois exemplares antigos conservados na Bibliothèque nationale de France. O principal é o de Jean Dodal, Lyon, entre 1701 e 1715. O segundo, o de Nicolas Conver, de um impressor ativo entre 1809 e 1833, serve para cotejar. Ambos são testemunhos: neles se veem as linhas da matriz, a cor aplicada à mão ou com estêncil que ultrapassa o traço, as dobras, as manchas, os rótulos com letras gastas. Essas irregularidades obrigam a olhar devagar e, sobretudo, a dizer com honestidade «isto se vê» ou «isto não se vê».

Há uma vantagem pedagógica que você não suspeitará até usá-la. Com uma carta limpa, é fácil dar por visto o que já se sabia. Com uma carta gasta, a imagem resiste, e cada detalhe que você afirma precisa conquistar o seu lugar. Para quem está começando, é um bom treino.

Há também inconvenientes, e convém dizê-los. No exemplar antigo alguns rótulos estão incompletos e alguns detalhes não se distinguem. Quando isso acontecer, o livro dirá e não completará o que falta. Se o seu baralho é uma reedição, não tem problema: quase tudo o que você aprender aqui se aplica, e o capítulo 1 ensina a comparar o seu exemplar com estes.

Um aviso sobre um detalhe que você verá em quase todas as imagens. As cartas levam um pequeno carimbo vermelho: é o carimbo da biblioteca que as conserva. Ele pertence ao objeto e não à carta; não fomos nós que o acrescentamos, nem faz parte do desenho da carta. Se na imagem ele aparece sobre uma letra do rótulo, é que o carimbo foi estampado por cima, nada mais.

— Um primeiro olhar: o Louco em dois exemplares —

A carta que segue aparece duas vezes, uma em cada exemplar. À esquerda, como você a vê, está a de Dodal; à direita, a de Conver.

O mesmo personagem em dois exemplares



Dodal · «LE FOL»



Conver · «LE MAT»

À esquerda, o Louco de Dodal; à direita, o de Conver. Em ambos o rosto de perfil olha para a direita do leitor.

É a mesma figura com dois rótulos diferentes. O de Dodal diz «LE FOL» e não se distingue número impresso. O de Conver diz «LE MAT», e na parte superior se veem uns traços que poderiam ser um numeral; eu não os leio com segurança, por isso não os transcrevo. As duas cartas mostram um personagem de perfil com o rosto voltado para a direita do leitor, um pau ao ombro do qual pende uma trouxa e, na mão que desce, um bastão vermelho. Atrás da perna há uma forma acinzentada que em nenhuma das duas se identifica com clareza; não direi o que é.

Repare que acabo de fazer três coisas que repetiremos à exaustão: transcrever um rótulo tal como está, calar o que não leio e descrever objetos sem lhes dar ainda um sentido. O tarô vem depois.

— Esquerda e direita: como você vê a carta —

Este livro usa «esquerda» e «direita» de uma única maneira: como você as vê quando tem a carta à sua frente, de frente. Nunca segundo a mão ou o lado do personagem desenhado.

A razão é prática. Se eu digo «o Louco leva o bastão na mão direita», você precisa fazer uma inversão mental e pode errar, e eu também. Se digo «o bastão fica na mão que desce para a direita do leitor», a frase se confere com o dedo sobre a imagem. Todas as descrições do livro são feitas assim. Quando for preciso distinguir as mãos de

um personagem, eu resolverei com outra maneira de dizer: a mão que fica à direita do leitor, a que fica à esquerda.

Esse acordo evita erros reais. Outros baralhos mostram figuras que caminham ou olham para o lado contrário, e quem mistura as lembranças de um com as de outro acaba afirmando coisas que a sua carta não tem. No Louco de Marselha que você acabou de ver, a cabeça se volta para a direita do leitor. Se na sua memória o Louco vai para o outro lado, essa memória vem de outra carta.

Experimente

Coloque diante de você a carta do Louco da página anterior ou, se tiver um baralho, o seu Louco. Cubra o rótulo com a mão e, sem olhar mais nada, escreva no caderno cinco coisas que se veem. Em cada uma, indique de que lado da carta ela está, contando sempre da sua posição de leitor. Depois descubra e confira. As que você não conseguiu situar com segurança são as que lhe interessam.

— Todas as cartas, na posição normal —

Em muitas tradições de leitura, uma carta pode sair «de cabeça para baixo», e esse giro muda o seu sentido. Esse assunto tem o seu lugar, e é outro tomo desta série, o terceiro. Neste livro a regra é mais simples: todas as cartas são lidas na posição normal.

Há três motivos. Primeiro, quem está começando já tem bastante com aprender a olhar uma carta, sem precisar somar o giro. Segundo, o hábito que se pretende formar, apontar na imagem o detalhe que sustenta cada frase, é mais difícil com a imagem invertida, porque se perde o reflexo de ler os objetos em sua postura natural. Terceiro, uma regra fixa se aprende de uma vez: não é preciso decidir a cada vez, e sem decisões intermediárias se aprende mais rápido.

Na prática, quando você embaralhar e distribuir, se uma carta ficar virada, coloque-a na posição normal antes de lê-la. O capítulo 8 inclui esse passo entre os preparativos da mesa. É um acordo de método, não um juízo sobre outras formas de ler.

— Como o livro está organizado —

O livro tem quatro partes e treze capítulos, além de quatro apêndices.

A parte I, *Preparar o olhar*, ocupa os capítulos 1 e 2. No primeiro você aprende a saber que baralho tem nas mãos: o que distingue um exemplar antigo de uma restauração, quais são as três famílias de cartas e que grau de certeza tem cada

afirmação sobre elas. No segundo você aprende a passar da imagem a uma frase sem pular etapas: inventário do visível, gesto, direção, associação e conferência.

A parte II, *As 78 cartas*, vai do capítulo 3 ao 7. Cada carta tem a sua ficha, que ensina a reconhecê-la, e não a sua monografia: rótulo, numeral, contagem, um detalhe que apoia o sentido e uma frase de exemplo. Os maiores ocupam dois capítulos, os quatro naipes de numerais outros dois e as figuras um quinto.

A parte III, *A primeira leitura*, reúne os capítulos 8 a 10: como formular uma pergunta que se possa trabalhar, como ler uma tiragem de três cartas por posições e como unir as três sem forçá-las. A parte IV, *Praticar com critério*, com os capítulos 11 a 13, trata dos erros típicos da primeira semana, da leitura com menos ajuda e do encerramento, com uma prova de reconhecimento das 78 cartas.

Cada capítulo traz a sua tabela, os seus exercícios, um caso fictício apresentado como tal e, às vezes, quadros de aviso. Há ainda seis jogos visuais distribuídos pelo livro, com a respectiva chave no fim do capítulo correspondente. Os apêndices são um glossário, um índice de cartas, uma tabela de rótulos tal como estão impressos no exemplar de Dodal e uma bibliografia.

Uma última nota de organização: os exercícios interpretativos não têm uma única resposta correta. O que se avalia, e o que você poderá avaliar por conta própria, é se cada frase se sustenta em um detalhe visível e se você reconhece o que fica em aberto.

— Como os apoios são retirados —

Quase todos os métodos de tarô fracassam pela mesma razão: dão a quem começa uma tabela de significados, e essa tabela vira muleta para a vida toda. Este livro faz o contrário. Os apoios são dados no início, quando fazem falta, e retirados de forma gradual, capítulo a capítulo, até que você leia com a carta na mão e pouco mais.

Experimente

Os apoios são retirados assim. Sublinhe na tabela o trecho em que você está trabalhando e verifique, ao terminar cada capítulo, se já consegue dispensar o apoio do seguinte.

Capítulos	Apoio disponível	O que se espera de você
1 e 2	Modelo «vejo · interpreto · outra possibilidade»	Usá-lo em cada observação até que a separação seja automática

Capítulos	Apoio disponível	O que se espera de você
3 a 7	Palavras-chave e frase-modelo em cada ficha	Apoiar-se nelas, mas apontar na imagem o detalhe que as sustenta
8 e 9	Tabela de posições com frase e alternativa	Construir suas próprias frases e revisá-las com a tabela
10 e 11	Critérios de síntese, sem frases prontas	Defender uma síntese indicando que indício a apoia e qual a limita
12 e 13	Nenhuma palavra-chave	Ler a mesa inteira, anotar o mínimo e comparar duas interpretações

Observe o sentido da tabela. Ela não pretende que você memorize significados; pretende que, de cima para baixo, você passe de receber palavras a produzir frases, e de produzir frases a justificá-las. Ao chegar ao capítulo 12, pede-se que você resolva um caso sem palavras-chave. Se nesse momento sentir falta delas, o livro propõe que volte ao capítulo anterior e repita um exercício; não há problema nenhum nisso.

— O que o tarô pode fazer e o que não pode —

O tarô serve como ferramenta de reflexão e como entretenimento. Uma carta oferece uma imagem concreta e uma consigna implícita: olhe isto. Diante dessa imagem, você pode organizar o que pensa sobre um assunto, notar o que havia passado despercebido, formular uma pergunta melhor que a de partida ou simplesmente passar um bom momento com outras pessoas ao redor de uma mesa. Tudo isso é real e suficiente.

O que o tarô não pode fazer é prever. Uma leitura não estabelece o que vai acontecer nem o que outra pessoa pensa ou sente. Tampouco substitui o conselho de um médico, um advogado, um psicólogo ou um consultor financeiro. Se você tem uma decisão importante a tomar em algum desses campos, o tarô pode ajudá-lo a pôr em ordem as suas perguntas, mas a decisão e a consulta a profissionais ficam fora dele.

Por isso o livro fala de um modo determinado. As cartas «sugerem», «convidam a se perguntar», «permitem dizer». Uma frase como «esta carta indica que vão deixar você» não cabe nestas páginas; cabe «esta carta mostra um personagem que se afasta,

e pode convidá-lo a se perguntar o que você quer deixar para trás». A diferença é de método: a segunda frase pode ser conferida na imagem e a primeira, não.

Erro frequente

Ler primeiro e olhar depois. Se você leu em algum lugar que certa carta «significa» tal coisa e procura na imagem a confirmação, o normal é que a encontre, porque o cérebro preenche o que espera. Olhe primeiro, anote o que vê e só então compare com o que leu. As coincidências continuarão ali, mas você também verá as discrepâncias.

— Como trabalhar com este livro —

Você não precisa de nada especial. Um baralho de Marselha, ainda que seja uma reedição, um caderno e um lápis. Se preferir não comprar nada por enquanto, as imagens do livro bastam para quase todos os exercícios. Não é preciso roupa especial, lugar especial nem ritual. Se você gosta de embaralhar com calma e acender uma vela, faça-o: o livro também não o proíbe, apenas não depende disso.

Convém um hábito pequeno e constante. Uma sessão de vinte minutos com uma única carta rende mais do que uma tarde inteira com quinze cartas. Escolha uma, descreva-a com o modelo, escreva uma frase e registre o que não pôde afirmar. Ao fim de uma semana você terá sete cartas bem olhadas e um caderno que servirá de testemunho do seu progresso.

Para fixar a ideia, um caso fictício. Lúcia acabou de comprar um baralho e, na tarde da sua primeira sessão, escreve isto sobre o Louco: «Um homem que foge de alguma coisa». O livro lhe perguntaria que parte dessa frase se vê. Vê-se um personagem que caminha de perfil, não que fuja; vê-se uma trouxa, não se vê do que ele foge. Com o modelo, a anotação fica assim: vejo um personagem com um pau ao ombro e um bastão; interpreto que está a caminho; outra possibilidade é que simplesmente esteja parado em uma pose de passo. A frase final é menos vistosa, mas se sustenta, e a partir dela Lúcia pode construir outras mais ricas sem perder o pé.

É isso que este livro oferece: um método para que as frases, por modestas que sejam no começo, se apoiem na carta. Quando você duvidar de uma de suas frases, volte à pergunta que se fez a Lúcia: que parte do que você acabou de escrever se vê na carta e que parte foi você quem pôs? Essa pergunta é todo o método. Vire a página e comece por saber que baralho você tem nas mãos.

Parte I

◆ Preparar o olhar ◆

Capítulo 1

Saber que baralho você tem nas mãos

Antes de interpretar uma carta, convém saber que carta é e de que exemplar procede a imagem que você tem diante de si. Este capítulo apresenta os dois exemplares antigos com que o livro trabalha, ensina a distingui-los de uma restauração moderna, conta as 78 peças de um baralho completo e fixa o que você pode esperar destas páginas.

Ao terminar este capítulo você será capaz de

- nomear os dois exemplares antigos do livro, o de Jean Dodal e o de Nicolas Conver, e dizer em que se parecem e em que não;
- identificar o Louco, o Julgamento e o Mundo pelo rótulo e pelo numeral, sem confundi-los entre si;
- apontar em uma carta indícios concretos para suspeitar que o seu baralho é uma restauração moderna;
- separar um baralho completo em suas três famílias (22 maiores, 40 numerais e 16 figuras) e conferir que somam 78;
- classificar qualquer frase sobre uma carta como dado da carta, dado do catálogo ou hipótese.

— Dois exemplares de um mesmo modelo —

Com a expressão «tarô de Marselha» designa-se um modelo de baralho, não um objeto concreto. O modelo consiste em uma maneira de desenhar e de ordenar 78 cartas que vários impressores repetiram durante gerações, cada um com as suas próprias matrizes. Uma *matriz* é o bloco de madeira entalhado com o desenho; dela se tirava o traço preto sobre o papelão, e a cor era acrescentada à parte. Dois impressores que seguiam o mesmo modelo entalhavam matrizes diferentes, e por isso as suas cartas se parecem muito sem chegar a ser iguais.

Este livro trabalha com dois *exemplares*, isto é, com dois baralhos concretos que se conservam na Bibliothèque nationale de France. O primeiro foi impresso por Jean Dodal em Lyon entre 1701 e 1715, segundo o catálogo da biblioteca. O segundo é

de Nicolas Conver, impressor cuja atividade o catálogo situa entre 1809 e 1833. Quase um século os separa e, como se verá já já, a composição de cada carta é a mesma no essencial. Ambos são de domínio público. Os dois servirão de *testemunhos*: chamo de testemunho o exemplar contra o qual se confere uma afirmação. Quando o livro disser que uma carta traz tal coisa, a imagem do testemunho estará ao lado para que você a verifique com os seus próprios olhos.

Na parte inferior das cartas de ambos os exemplares você verá um carimbo vermelho e pequeno. É o carimbo da biblioteca que conserva o baralho. Ele pertence ao objeto tal como chegou até nós, como uma mancha de umidade ou um canto gasto, e não faz parte do desenho. Convém dizê-lo já porque o carimbo cai às vezes sobre uma letra do rótulo, e quem o toma por um símbolo acaba procurando um significado para ele.

Uma convenção antes de olhar. Esquerda e direita se entendem sempre como você vê a carta, nunca segundo o lado do personagem desenhado. Se o livro diz que alguém caminha para a direita, caminha para a borda direita da imagem tal como você a tem diante de si.

Convém fixar também para que serve ter dois exemplares e não um. Com um único testemunho, tudo o que se vê parece uma regra: se o Mundo traz tal coisa, conclui-se que «o Mundo traz tal coisa». Com dois aparece o que pode variar e o que se mantém, e essa diferença é a primeira informação real que um baralho antigo fornece. As descrições deste livro valem para Dodal, salvo quando se diga outra coisa, e quando uma carta de Conver diferir, o texto o assinalará com o nome dele.

Experimente

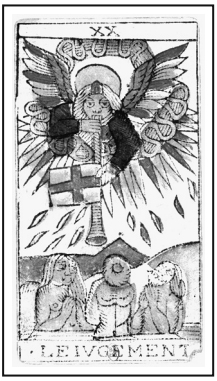
Olhe a mesa que vem a seguir antes de ler o trecho que a comenta. Com lápis e papel, escreva três semelhanças e três diferenças entre um exemplar e outro, cada uma com o lado da carta em que se vê. Deixe-o sobre a mesa e confira depois com as descrições. As que você viu e o texto não menciona contam mais do que as que acertou: são as que ensinam a olhar.

Ao comparar, não se detenha na cor. Nestes exemplares ela foi aplicada à parte do traço e às vezes ultrapassa as linhas, de modo que uma diferença de tom diz pouco; uma diferença de forma, de rótulo ou de objeto diz mais. Ponha as diferenças em duas colunas, a da cor e a do desenho, e confie sobretudo na segunda.

Dodal e Conver: o mesmo modelo em dois exemplares



Dodal · O Louco



Dodal · O Julgamento



Dodal · O Mundo



Conver · O Louco



Conver · O Julgamento



Conver · O Mundo

Em cima, três cartas do exemplar de Jean Dodal; embaixo, as mesmas três do exemplar de Nicolas Conver. Identificam-se pelo rótulo e pelo numeral, não pela posição.

Seis cartas para começar

A mesa de cima reúne três cartas de Dodal; a de baixo, as mesmas três de Conver, na mesma ordem: o Louco, o Julgamento e o Mundo. Eu as escolhi porque se parecem em algo que engana (nas três há uma figura central ou uma figura que domina a composição) e porque obrigam a identificar cada carta pelo rótulo e não pelo seu ar geral.

O Louco de Dodal traz o rótulo «LE FOL», com um ponto entre as duas palavras e outro no final; o carimbo vermelho cobre em parte o F, embora a palavra se leia. Não há numeral impresso que se possa ler: na margem superior não aparece

cifra alguma, apenas algum ponto solto no canto esquerdo que não forma número. O personagem caminha para a direita do leitor e volta o rosto, de perfil, para esse mesmo lado. Leva ao ombro um pau com uma trouxa pendurada e segura na outra mão um bastão. Atrás das pernas, no lado esquerdo da carta, há uma forma cinza-azulada de contorno confuso. Não vou dizer o que é, porque a imagem não deixa claro, e acostume-se a essa resposta: «não se distingue» é uma frase legítima.

O Louco de Conver tem o rótulo «LE MAT». Caminha também para a direita do leitor, com o pau e a trouxa ao ombro e o bastão na mão. Sob a linha que fecha a margem superior surge uma fileira de traços que a borda da carta corta. Poderiam ser um numeral, mas não os leio com segurança e não vou lê-los para você. Atrás das pernas, outra vez, há uma forma pálida que tampouco se deixa identificar. Os dois rótulos, «FOL» e «MAT», costumam ser traduzidos por «louco», e este livro chama a carta de O Louco nos dois casos. Mas o fato de a série lhe dar um único nome em português não apaga que a carta de Dodal diga uma coisa e a de Conver, outra.

O Julgamento de Dodal traz o numeral «XX» na faixa superior e o rótulo «LE IVGEMENT», com o V onde esperaríamos um U. Um anjo com uma trombeta ocupa a metade alta: da trombeta pende uma bandeira com uma cruz vermelha sobre fundo amarelo, e ao redor do anjo se veem asas de várias cores, raios e umas formas cinzentas entrelaçadas que fazem as vezes de nuvens. Na metade baixa há três figuras, e a do centro é vista de costas. A de Conver repete essa estrutura: numeral «XX» em cima, anjo com trombeta, bandeira com cruz e três figuras embaixo, com a central de costas. Os detalhes mudam. A cruz da bandeira aparece clara sobre o amarelo, não vermelha, e uma faixa amarela e vermelha fecha a cena por baixo das três figuras. Proponho que você leia o rótulo de Conver mais adiante, nos exercícios, sem que eu o antecipe.

O Mundo de Dodal traz o numeral «XXI» e o rótulo «LE MONDE», com as duas palavras quase coladas. Na margem esquerda do leitor há uma inscrição na vertical que se lê «F·P·LE·TRANGE». Uma figura ocupa o centro de uma coroa oval; nos cantos de cima há um anjo à esquerda e uma águia à direita, e nos de baixo duas cabeças barbadas com gorro vermelho. Não há touro nem leão: é um erro que se repete em muitos textos e que a imagem desmente. O Mundo de Conver traz «XXI» e «LE MONDE», e na sua margem esquerda não se vê inscrição vertical. Em cima conserva o anjo à esquerda e a águia à direita, e ambos têm um nimbo vermelho. Embaixo há, sim, à esquerda, uma cabeça com chifres que parece de touro

ou de boi e, à direita, um leão de juba. A coroa é mais larga e se fecha com cruzes amarelas em cima e embaixo.

Repare no que acaba de acontecer. Os cantos de baixo do Mundo mostram que dois exemplares do mesmo modelo podem diferir em algo que qualquer livro de interpretação dá por fixo. Quando alguém lhe garantir que o Mundo traz «um touro e um leão», convém perguntar de que exemplar está falando.

Três rótulos, três cartas

O Louco, o Julgamento e o Mundo se confundem por uma razão de ordem: conforme o modo de ordenar o baralho, o Louco vai no começo, ou no fim, ou entre o XX e o XXI. Quem aprende os maiores pela posição acaba cruzando os três. Aqui eles são identificados pelo rótulo e pelo numeral, que sim estão na carta:

- «LE FOL» (Dodal) ou «LE MAT» (Conver), sem numeral que se possa ler com segurança: o Louco;
- «XX» com «LE IVGEMENT» (Dodal), ou «XX» com o rótulo do Julgamento (Conver): o Julgamento;
- «XXI» com «LE MONDE», nos dois exemplares: o Mundo.

O Louco, portanto, é a carta que não traz um número seguro. Essa ausência é um dado, e dos mais úteis que um baralho antigo oferece.

O que sabemos e como o sabemos

Nem tudo o que se afirma sobre estas cartas tem o mesmo peso. Uma frase como «o Louco de Dodal tem o rótulo LE FOL» se confere olhando. Uma frase como «Dodal imprimiu em Lyon entre 1701 e 1715» não se vê em carta nenhuma: quem a sustenta é o catálogo da biblioteca, e você pode consultá-lo, mas não verificá-lo com a carta. E uma frase como «o modelo de Conver deriva do de Dodal» é uma conjectura razoável que nenhuma imagem prova. Este livro distingue três graus e os usará em todos os capítulos.

Objeto	Fonte	Grau da afirmação
O Louco de Dodal traz o rótulo «LE FOL»	A imagem da carta	Dado da carta
O Louco de Dodal não mostra um numeral legível	A imagem da carta	Dado da carta (é uma ausência)

Objeto	Fonte	Grau da afirmação
O Louco de Conver tem traços cortados na margem superior	A imagem da carta	Dado da carta, sem leitura do numeral
Dodal imprimiu em Lyon entre 1701 e 1715	Catálogo da BnF	Dado do catálogo
A atividade de Conver se situa entre 1809 e 1833	Catálogo da BnF	Dado do catálogo
O carimbo vermelho das cartas é da biblioteca	Catálogo e créditos das imagens	Dado do catálogo
O Mundo de Dodal traz uma inscrição vertical na margem esquerda	A imagem da carta	Dado da carta
O Mundo de Conver traz touro e leão embaixo	A imagem da carta	Dado da carta
Ambos os exemplares partem de um modelo comum	Comparação das imagens	Hipótese verossímil
«FOL» e «MAT» nomeiam a mesma ideia	Comparação de rótulos	Hipótese

O *dado da carta* é o que se vê, e qualquer pessoa pode conferi-lo com a imagem diante de si. O *dado do catálogo* é fornecido por quem custodia o objeto: é confiável, mas você o recebe de outra pessoa e convém dizê-lo assim. A *hipótese* é uma explicação que se encaixa no que foi visto sem que nada a demonstre. As hipóteses não são ruins, e quase todo o tarô repousa sobre elas, mas é preciso chamá-las pelo nome. O hábito que este livro quer lhe dar começa aqui: antes de repetir uma frase sobre uma carta, saber de qual dos três graus ela é.

Há um detalhe que convém não esquecer. Uma data escrita em uma carta não é a data de impressão do exemplar. O Dois de Ouros do Conver que usamos traz uma inscrição com o ano «1760», e a biblioteca não data o exemplar em 1760, mas na atividade do impressor. Quem lê a cifra e a toma por uma data de impressão confunde um dado da carta com uma conclusão sobre a carta.

Antigo não significa idêntico

Dois exemplares antigos do mesmo modelo não são cópias exatas, e duas cópias de uma mesma matriz tampouco. A cor era aplicada à parte do traço, à mão ou com estêncil, e nestas cartas ela passa das linhas em vários pontos, de modo que um chapéu vermelho em um exemplar pode ser amarelo em outro sem que o desenho mude. As diferenças de forma, em compensação, contam: o Mundo de Dodal e o de Conver não compartilham os cantos de baixo.

O erro frequente consiste em tomar um detalhe de um exemplar e atribuí-lo ao outro, ou ao tarô de Marselha «em geral». Anote sempre de que exemplar você fala. Se não puder dizê-lo, a frase é, na melhor das hipóteses, uma hipótese.

— Reconhecer uma restauração moderna —

Quem compra hoje um baralho de Marselha não costuma receber um exemplar antigo, mas uma *restauração*: uma edição moderna que parte de um ou vários exemplares antigos, redesenha as linhas, refaz as cores e às vezes corrige rótulos. Há restaurações cuidadosas e outras que modificam muito. Nenhuma é ruim para ler. O problema aparece quando o comprador acredita estar olhando uma carta do século XVIII e olha uma interpretação do século XXI dessa carta. Seus detalhes podem ser muito fiéis ou não, e isso só se sabe cotejando.

Um só indício não decide nada. O razoável é acumular indícios e compará-los sempre com o testemunho antigo, tal como você o viu na seção anterior. Estes são cinco que se podem verificar com o baralho na mão, e os dois primeiros são os mais fáceis:

1. O contorno. Nas cartas antigas deste livro a linha preta é irregular: engrossa, se interrompe, se corrige. O sombreado é feito com pequenos traços paralelos que nem sempre guardam a mesma distância. Uma linha uniforme e limpa, sem um único tremor, costuma indicar um redesenho.
2. A cor. Nos testemunhos, as cores são poucas, de aspecto desigual, e ultrapassam as linhas (no Julgamento de Dodal, o azul e o vermelho passam dos seus contornos). Os preenchimentos chapados, saturados e que respeitam cada borda são típicos de uma edição moderna.
3. Os rótulos. Os antigos têm uma ortografia própria: «IVGEMENT» com V, em Dodal, ou palavras quase coladas, como em «LE MONDE» do mesmo exemplar. Uma edição moderna tende a regularizar e a completar as letras. Se

todos os rótulos do seu baralho aparecem perfeitamente espaçados e com a ortografia francesa atual, pergunte-se por quê.

4. O suporte e as marcas. O papelão de um exemplar antigo é manchado, cortado à mão e gasto nos cantos, e leva nestes casos o carimbo da biblioteca. Um baralho moderno chega em caixa, com folheto, com todas as cartas de tamanho idêntico e com uma linha de direitos de edição. Atenção aos baralhos «envelhecidos»: o aspecto antigo é um estilo, e não uma data.
5. As diferenças de composição. Confira o Louco, o Julgamento e o Mundo contra os testemunhos. Se o Mundo do seu baralho tem nos cantos de baixo um touro e um leão, não coincide com Dodal; coincide com Conver, ou com uma restauração baseada em um modelo parecido. Se o Louco traz um número que o testemunho não tem, ou um nome que o testemunho não traz, alguém o acrescentou, e convém saber quem e por quê.

Esses cinco indícios respondem a perguntas diferentes. O contorno e a cor informam sobre o *tratamento* da carta; os rótulos e a composição informam sobre as suas *fontes*; o suporte informa sobre a sua *origem* material. Um baralho pode ter um tratamento muito moderno e uma composição muito fiel, ou o contrário. Por isso a conclusão nunca deve ser «é antigo» ou «é falso», mas algo mais preciso: «sua composição coincide com o testemunho Conver nas três cartas comparadas, seus rótulos estão normalizados e sua cor é chapada».

Também não se trata de desprezar a restauração. Se você lê com uma, continue fazendo-o. O que o livro lhe pede é que diga qual tem e que, ao descrever uma carta, olhe a sua carta e não a de outro baralho. As descrições deste livro valem para Dodal e, quando indicado, para Conver. Se o seu exemplar diferir, essa diferença é o primeiro exercício de observação que lhe cabe: anote-a e continue lendo com o baralho que tem, não com o que o livro ensina.

Resta uma armadilha de método. É tentador decidir que um detalhe do seu baralho é «o correto» porque coincide com o que diz um livro de interpretação. Um livro pode descrever outro exemplar, ou uma restauração, ou uma carta de memória. O critério aqui é mais simples: vale a carta que você tem diante de si e, para compará-la, o testemunho que aparece nestas páginas. O que nenhum dos dois mostre, não se afirma.

— As 78 peças: 22 maiores, 40 numerais, 16 figuras —

Um baralho de Marselha completo tem 78 cartas e se divide em três famílias que convém saber separar com as mãos antes de aprender qualquer significado. A soma é simples: 22 maiores, 40 numerais e 16 figuras dão 78. As 56 cartas que não são maiores (40 e 16) são às vezes chamadas, em conjunto, de menores, e as 22 primeiras, de maiores. Os dois adjetivos são uma classificação moderna de uso cômodo. Nenhuma carta antiga traz impressa a palavra «maior» nem «menor».

Os 22 maiores

Os maiores são as cartas com rótulo próprio e, salvo uma, com um numeral romano. Vinte e um vão numerados do I ao XXI, e o Louco fica à parte. No testemunho de Dodal o Louco não mostra um numeral legível, como vimos, e no de Conver não lemos com segurança os traços da margem. Daí sai uma conta que desconcerta mais de um: vinte e um maiores com número mais o Louco, que não o traz de maneira visível, somam vinte e dois.

As chaves que este livro usa (M00 para o Louco, M01 para o Mago, e assim por diante até M21 para o Mundo) são etiquetas de catálogo, não inscrições da carta. O «0» não está impresso no Louco de Dodal. Nós o usamos porque permite ordenar a série sem brigar com a posição do Louco, e você o verá nas legendas das imagens e nas tabelas. Quando precisar falar do que a carta diz, fale do rótulo e do numeral; quando falar da chave, saiba que é do livro.

Entre os maiores há outra particularidade que será tratada no capítulo 4: um deles, o que leva o numeral XIII, não tem nome em nenhum dos dois exemplares. Este livro o chama de O Arcano XIII, que é a única forma de nomeá-lo sem acrescentar o que a carta cala. E há outra que veremos nos capítulos 3 e 4: a Justiça e a Força ocupam em Dodal os lugares VIII e XI.

Os 40 numerais

Os numerais são as cartas dos quatro naipes (Paus, Copas, Espadas e Ouros) do ás ao dez. Quatro naipes vezes dez cartas dão 40. O ás conta como numeral, de modo que o naipe de Copas tem dez cartas numerais: o ás, o dois, o três e assim até o dez. Um numeral não se reconhece por uma cena, mas por uma contagem: o Quatro de Ouros tem quatro ouros, o Seis de Copas tem seis copas. Esta é uma peculiaridade importante do modelo: os numerais de Marselha não trazem cenas com personagens, mas disposições ordenadas de um mesmo emblema, e daí a necessidade

de contar, e contar bem. O capítulo 5 explica como se desenham Paus e Copas, e o capítulo 6 faz o mesmo com Espadas e Ouros.

Recontar parece bobagem até o dia em que se confunde um Nove com um Dez. Da contagem exata depende que uma carta seja a que é. O capítulo 6 dedica uma seção inteira a distinguir essas duas cartas de Ouros, porque os erros mais repetidos com este modelo se cometem nos numerais altos, onde há muitos emblemas e pouco espaço.

As 16 figuras

As figuras são quatro por naipe: Valete, Cavaleiro, Rainha e Rei. Quatro naipes vezes quatro figuras dão 16. Nas chaves do livro elas levam os números 11 (Valete), 12 (Cavaleiro), 13 (Rainha) e 14 (Rei): B11 é o Valete de Paus, C14 é o Rei de Copas. Esses números são, mais uma vez, etiquetas do catálogo. As figuras sim levam rótulo impresso na carta, com uma ortografia antiga que será transcrita tal como está no capítulo 7. Cada uma mostra um personagem, de modo que se distinguem dos numerais à primeira vista: há uma figura onde os numerais têm emblemas contados.

A soma final é esta:

- 22 maiores: Louco, I a XXI;
- 40 numerais: quatro naipes, do ás ao dez;
- 16 figuras: quatro naipes, de Valete a Rei;
- 78 cartas no total.

As palavras da série (Valete, Cavaleiro, Rainha, Rei; Paus, Copas, Espadas, Ouros) são fixas neste livro e nos outros três tomos da série. Se em outro baralho ou em outro livro você encontrar «Pajem», «Valet» ou «Fante», é a mesma peça com outro nome. Aqui não mudará.

Experimente

Pegue o seu baralho e separe-o sobre a mesa em três montes, sem olhar significados, apenas pelo que vê.

1. Primeiro monte: as cartas que têm um rótulo na parte inferior e um numeral romano na superior. São os maiores. À parte, a que tem rótulo e não tem numeral claro: quase com certeza, o Louco.
2. Segundo monte: as cartas com um personagem e um rótulo, sem numeral. São as figuras. Separe-as por naipe e verifique que há quatro em cada um.
3. Terceiro monte: as cartas com um emblema repetido que você pode contar. São os numerais. Ordene-os por naipe e por número.

Agora conte: 22, 40 e 16. Se der outra cifra, não a force. Pode faltar uma carta, ou sobrar uma (muitos baralhos modernos incluem uma carta de título ou uma publicitária), ou pode haver dois maiores misturados com as figuras por se parecerem. Anote o que sobra ou falta, com o nome, e não procure o equilíbrio da soma até ter conferido cada monte.

Quando terminar, pegue o Louco, o Julgamento e o Mundo e compare cada um com o testemunho deste capítulo. O seu Louco tem numeral? O que o seu Mundo traz nos cantos de baixo?

— O QUE ESPERAR DO LIVRO E O QUE NÃO —

A promessa deste livro é concreta. Ao terminá-lo, você reconhecerá as 78 cartas pelo rótulo, pelo numeral ou pela contagem; saberá formular uma pergunta que se possa trabalhar; e poderá explicar uma primeira leitura de três cartas apontando em cada carta o detalhe que sustenta cada frase. Não promete mais. Tampouco menos, ainda que exija uma disciplina que no início parece lenta: nada se afirma que não possa ser apontado com o dedo na carta.

Para isso o livro lhe dá muletas e avisa que as irá retirando. As primeiras fichas trazem palavras-chave e frases já montadas; as tabelas dos capítulos intermediários lhe dão modelos de frase; no final, os exercícios pedem que você leia sem eles. É a ordem de qualquer oficina: começa-se com a mão guiada e termina-se com a mão solta. Se em algum momento você achar que aprendeu uma palavra-chave e já não precisa olhar a carta, volte a olhá-la: isso significa que o apoio se converteu em hábito, e o hábito substitui a observação.

Do tarô se espera aqui o que se espera de uma ferramenta de reflexão e de entretenimento. As cartas servem para ordenar uma conversa consigo mesmo ou com outra pessoa que a tenha pedido, para ver uma situação de um ângulo em que não se havia pensado e para exercitar o olhar. Não preveem. Não dizem o que vai acontecer, nem substituem o conselho de um médico, um advogado, um psicólogo ou um consultor financeiro, e este livro não oferece nenhum dos quatro. O que as cartas fazem é *sugerir* e *convidar a se perguntar*, e esses verbos serão usados com rigor em todas as leituras de exemplo.

Há coisas que o livro deixa de fora de propósito. Não é uma história do baralho nem um estudo de suas origens, que são obscuras e se prestam a hipóteses muito atrevidas. Não compara este modelo com outros baralhos nem explora sistemas de correspondências com outras disciplinas. Tampouco desenvolve a leitura de cartas invertidas: neste tomo todas as cartas são lidas na posição normal, regra que se fixa no capítulo 8 para tirar uma complicação do iniciante. O capítulo 13 indica por

onde seguir em cada uma dessas questões, e os outros três tomos da série retomam as mais técnicas.

Um último aviso sobre os exemplos. Os casos que aparecem em cada capítulo são fictícios, inventados para ilustrar uma ideia. As pessoas que os protagonizam não existem, e nenhuma leitura de exemplo serve de prova de que o tarô funcione. São exercícios de método: servem para ver como se separa o que se olha do que se supõe, e para nada mais.

— Exercícios —

1 · Comparar duas cartas

Coloque diante de você os dois Julgamentos da mesa deste capítulo, o de Dodal em cima e o de Conver embaixo. Anote três diferenças que você possa apontar com o dedo na imagem. Uma diferença válida se escreve assim: «no de Conver, sob as três figuras, há uma faixa amarela e vermelha; no de Dodal não se vê essa faixa». Não vale dizer «o de Conver é mais claro», porque a cor varia por razões alheias ao desenho, nem «o de Dodal é mais expressivo», porque é uma impressão sua.

Para se orientar, olhe quatro zonas: o pé da composição, a bandeira, as nuvens ao redor do anjo e o rótulo. No rótulo, repare na letra que segue o I na palavra do Julgamento. Em Dodal é um V. Confira você mesmo que letra lê no de Conver e, se não a ler com segurança, anote assim e não escolha.

Depois de ter as suas três diferenças, revise-as com uma regra: outra pessoa, com a imagem diante de si e sem que você fale, poderia encontrar cada uma? Se alguma exigir que você «a explique», ainda é uma impressão.

Orientação. Entre as diferenças que se podem apontar: a faixa inferior que só aparece em Conver; a cruz da bandeira, vermelha em Dodal e clara em Conver; e a letra do rótulo, que é um V em Dodal e que você deve conferir em Conver. Se você encontrou outras três que cumprem a regra de poder apontar, são igualmente boas. Se escreveu alguma do tipo «o de Conver é mais limpo», refaça-a.

2 · Dado ou hipótese

Classifique cada uma destas dez frases em uma das três categorias: dado da carta (vê-se na imagem), dado do catálogo (afirmado pela biblioteca ou pelos créditos) ou hipótese (nenhuma imagem nem catálogo a sustenta). Anote ao lado, em uma linha, por quê.

1. O Louco de Dodal tem o rótulo «LE FOL».

2. O exemplar de Dodal é datado entre 1701 e 1715.
3. O Louco de Dodal caminha para a direita do leitor.
4. Os gravadores de Dodal copiaram um modelo anterior hoje perdido.
5. O Mundo de Dodal traz uma inscrição vertical na margem esquerda.
6. A atividade de Conver se situa entre 1809 e 1833.
7. O carimbo vermelho das cartas pertence à biblioteca que conserva os exemplares.
8. O Louco de Conver representa o mesmo que o Louco de Dodal, embora tenha outro rótulo.
9. O Julgamento de Dodal e o de Conver têm o mesmo numeral, XX.
10. Todos os baralhos de Marselha derivam do exemplar de Dodal.

Chave. São dados da carta a 1, a 3, a 5 e a 9, porque se conferem olhando. São dados do catálogo a 2, a 6 e a 7, porque dependem do que a biblioteca e os créditos estabelecem e não do que se vê. São hipóteses a 4, a 8 e a 10. A 4 não tem sustentação visível nem documental neste livro. A 8 é razoável, mas não está provada pelas cartas, que só mostram que ambas ocupam o mesmo lugar da série com rótulo diferente. A 10 não é apenas hipótese, mas uma hipótese que choca com o que se vê: o Mundo de Conver tem embaixo um touro e um leão e o de Dodal não, e isso basta para duvidar de uma descendência linear única.

— Caso: Alice e o baralho «original» —

Caso fictício, idealizado para ilustrar um método.

Alice compra pela internet um baralho anunciado como «Tarô de Marselha original, com inscrições antigas». Quando chega, abre a caixa e encontra as cartas com rótulos em francês, um folheto em vários idiomas e umas cores vivas. Gosta do aspecto, mas faz dois dias que lê que existe «o original» e não sabe se o dela é. Começa a se preocupar por ter comprado uma cópia.

A primeira coisa que faz é se perguntar o que quer dizer «original». Pode querer dizer que o desenho é o original, que a impressão é a da época, ou que é a primeira edição dessa restauração. São três afirmações distintas, e a palavra do anúncio não distingue entre elas. Decide que a pergunta, tal como a formula, não pode ser respondida, e a troca por outra que pode: com qual dos dois exemplares antigos coincide o meu baralho, e em que se afasta?

Pega três cartas, o Louco, o Julgamento e o Mundo, e as compara com os testemunhos. No seu Louco lê o rótulo «LE MAT» e não vê nenhum numeral

claro. No seu Mundo lê «XXI» e «LE MONDE»; embaixo, à esquerda, uma cabeça com chifres e, à direita, um leão de juba; na margem esquerda não há nenhuma inscrição vertical. Com esses dados conclui que o seu baralho não coincide com o testemunho de Dodal no Louco nem no Mundo, e que coincide com o de Conver em ambos.

Alice passa então aos indícios de restauração. Olha os contornos: são uniformes, sem um único tremor. Olha as cores: chapadas, brilhantes, sem passar de nenhuma linha. Olha os rótulos: estão espaçados com regularidade, e no Julgamento lê uma grafia diferente da que tem o testemunho de Dodal. O papelão está limpo e todas as cartas medem exatamente o mesmo. Há uma linha de direitos de edição na caixa. Quatro indícios em cinco apontam para uma edição moderna, e o quinto, a composição, indica que segue de perto o modelo de Conver.

Não diz «é uma cópia» nem «é original». Escreve na primeira página do caderno uma ficha de três linhas, com o grau de cada afirmação:

- Dado da carta: o Louco tem o rótulo «LE MAT» e o Mundo traz touro e leão embaixo, igual ao testemunho de Conver, e não igual ao de Dodal.
- Dado da carta, à espera do catálogo: contorno uniforme e cores chapadas, indícios de edição moderna.
- Hipótese: é uma restauração baseada em um modelo próximo ao de Conver; para confirmá-lo seria preciso ler as informações da editora, que estão na caixa e no folheto.

Com três cartas não pode afirmar qual dos exemplares o seu baralho segue exatamente, e anota isso. Mas elas bastam para descartar que seja uma réplica de Dodal, e a ficha basta para começar a ler sem a sensação de ter comprado algo de menor valor. O que tem nas mãos é um baralho moderno de modelo antigo; para aprender a olhar, serve igual.

Quando termina, acrescenta uma quarta linha com a tarefa que lhe resta: cotejar o resto de suas cartas com os testemunhos à medida que o livro as apresentar, e anotar cada discrepância com o número da carta. É um trabalho de semanas, não de uma tarde, e ela não precisa terminá-lo para começar a ler.

Do caso se depreende uma lição simples: uma pergunta mal colocada, como «é original?», se troca por outra que possa ser respondida com as cartas diante de si, e a resposta se escreve sempre com o seu grau de certeza.